RESUMO:

O ensino na Idade Média compreendia um conjunto de disciplinas pertencentes ao *Trivium* e ao *Quadrivium*, matérias conhecidas como *artes*. A estes se opunham as *artes mechanicae*, de cunho prático. Focalizamos, neste artigo, as questões relativas ao ensino da linguagem verbal, centrando nosso interesse na *ars gramatica* e na *ars retórica*. Um texto latino exemplificará as atividades de um famoso mestre da Idade Média. **Palavras-chave:** Educação, ensino, Idade Média, escolástica, linguagem, retórica.

Introdução histórica

Foi na Antiga Grécia, no século IV a.C., que a educação se institucionalizou com a fundação das primeiras escolas: Isócrates inaugurou sua escola em 393 a.C. e Platão fundou a Academia em 387 a.C.

Os romanos, com a conquista da Grécia, assimilaram aspectos importantes da cultura grega, somando o que lhes era peculiar: o respeito às leis e à disciplina. Suas escolas, sem dúvida influenciadas pelos gregos, haja vista o *gymnasium*, incluíam também o estudo do direito. Com o advento do cristianismo, a partir do II século, o Império começa a viver sua decadência, seja causada pelas crises sucessionais, seja pela situação econômica e social que se deterioravam, seja pelas perenes tentativas de invasão dos bárbaros.

Em 476, o Império deixa de existir definitivamente, com a conseqüente devastação de muitas regiões da Europa. Após um longo processo de adaptação, grande parte desses contingentes de invasores foram cristianizados. Como a Igreja foi a única organização que sobreviveu e forneceu suporte às populações invadidas, tornou-se também a instituição mais importante de toda a Idade Média.

É esta Igreja que sustentará a educação e o ensino na época medieval. Todavia falar de ensino e educação neste longo e complexo período da história é preciso que examinemos principalmente a organização escolástica, ponto de partida do conhecimento da cultura da época. Trata-se de uma tradição com relativa estaticidade e unidade substancial, que se assenta na manutenção do esquema das artes liberais, que, na Antiguidade tardia, exauria a educação secundária e se colocava como propedêutica do estudo da filosofia. Às artes liberais contrapunham-se as *artes mechanicae*: escultura, pintura e todo tipo de atividade artesanal. Somente as artes realmente desinteressadas, ou seja, que não conduziam a algum lucro, eram consideradas liberais. Diante disso, a atividade do poeta, reveste-se de uma dignidade sem par.

No início da Idade Média, até Abelardo, as artes liberais eram tidas como suficientes para uma educação completa, servindo de introdução também para o estudo da teologia, além da filosofia. Deste modo, as artes liberais eram vistas como elemento ativo da formação do homem, do qual tornam-se o centro. Segundo Vårvaro (1985, 16), a educação não era o reflexo de uma condição social, mas determinava-a, mediante uma renovação profunda do homem e o seu lugar no mundo. Tal visão da educação é relevante, embora assumindo diversos aspectos, os quais transitam desde o homem douto que se orgulha do seu saber e da sua superioridade interior até uma prospectiva mística, dado que a cultura é instrumento do conhecimento de deus, conforme se pode ler em *Hortus deliciarum*, de Herrad Landsberg, da abadia de Hohenburg, na Alsácia¹. Ainda segundo Vårvaro, também Corrado de Hirsau, mestre de retórica, comentava as artes liberais, servindo-se do versículo 13, aos *Gálatas*, do apóstolo Paulo, para definir-se liberal: “In libertatem vocati sumus: studiis liberalibus regi nostro serviamus”. [Somos chamados à liberdade: com os estudos das artes liberais, sirvamos ao nosso rei].

Pode-se tomar a época de Marciano Capela, em sua obra *De nuptiis Philologiae et Mercurii* (410-439), para verificar que as disciplinas das artes liberais já estavam canonizadas. Capela fixa o número delas em sete: gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, astronomia e música. Em época posterior, as quatro últimas foram reunidas num conjunto chamado *quadrivium*, encontrado em Boécio (morto em 524), dadas suas afinidades com sua ligação comum com a matemática. Porém, só no século IX aparece a denominação de *trivium* para as primeiras.

As artes liberais permanecem por toda a Idade Média como o *curriculum* normal da escolástica. Muitas escolas especializavam-se no ensino do *trivium*, julgando-as disciplinas suficientes.

Aprendizado da linguagem: a gramática e a retórica.

Dada a extensão do tema, não poderemos passar em revista todas as sete artes do *trivium* e do *quadrivium*. Focalizaremos duas delas, a gramática e a retórica, objeto deste trabalho. A idade média mantém intacta a tradição do ensino da tarda atiguidade, mantendo seus programas.

Primeiramente, vejamos o que se deve entender por *grammatica*. Era uma disciplina que não só abria o ciclo formalmente, mas também era a primeira matéria a ser ensinada. Era encarada como porta de entrada para o aprendizado das outras ciências. Seu aprendizado era necessário, pois na maioria das vezes a língua dos escolares não era o latim, mas o românico ou outras línguas como o alemão e o inglês. Os métodos de ensino e os manuais eram praticamente os mesmos. Para os iniciantes, a *ars minor* de Donato, gramático do IV século, apenas uma dezena de páginas sobre as partes do discurso, explicadas elementarmente em forma dialógica, de maneira que pudessem ser facilmente memorizadas. Num segundo estágio, mais

amplo e aprofundado, tomava-se a *ars maior* do autor de *Institutiones grammaticarum*, de Prisciano de Cesaréria, autor do VI século.

O estudo tinha em vista o conhecimento prático da língua, embora isso também ocorresse através das longas práticas e fosse indispensável para toda a pessoa culta. Todavia, a tradição antiga, que provinha do tempo em que o latim era língua materna dos estudantes, estabelecia pra a gramática um conteúdo e uma finalidade diferente, pois os estudantes não tinham o latim como língua materna, necessitando, portanto, aprendê-la. Quintiliano (II, 1,4) definia a gramática como “recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem” [ciência de falar corretamente e interpretação dos poetas], e a tradição medieval deu um relevo ainda maior ao segundo termo. O autor medieval da época de Carlos Magno, Rábano Mauro, do IX século, define a gramática como: “Grammatica est scientia interpretandi poetas et historicos et recte scribendi loquendique ratio” [A gramática é a ciência de interpretar os poetas e os historiadores e a doutrina de escrever e de falar corretamente].

Essas definições nos levam à apreensão de uma dupla finalidade dos estudos gramaticais: de um lado a apreensão normativa da língua; de outro o interesse pelas obras literárias. Tal situação permanece até o século XII, quando, segundo Vårvaro (1985, p 19), com Petrus Helia, inicia-se novo período no qual são elaborados manuais em que a primeira *ars* inclui somente o aspecto linguístico.

Todavia, os interesses linguístico e literário não desaparecerá, em função da prática escolástica. Os *scholares* não aprendiam as normas gramaticais dos manuais, em sua abstração, nem fazia uso de exemplos criados pelo mestre, como hoje se faz. Eles eram postos o mais cedo possível diante de um texto literário latino para interpretá-lo em sua totalidade e para observarem aí fontes de regras e modelos de escrita. Era, pois, a *lectio*, a chave do ensino medieval.

Começava-se com tetos relativamente simples, como as fábulas de Fedro, para, depois, culminar na obra Virgiliana, o clássico por excelência.

O *curriculum* dos *auctores* podia variar, segundo a disponibilidade da biblioteca ou da habilidade do mestre, mas quase sempre girava em torno dos mesmos autores. Friedrich Wielgus² cita Konrad von Hirsau, (Conradus Hirsaugiensis), monge beneditino nascido em 1070 e morto em 1150, em Hirsau, o qual, na obra *Dialogus de contemptu et amore mundi*, enumera 21 autores: o gramático Donato, Catão (não o de Útica, mas um autor do III século, escritor dos *Disticha Catonis*), Esopo (uma coletânea do fabulista grego em prosa latina), Aviano (por volta de 400), Sedúlio (poeta cristão do V século), Juvenco (poeta cristão do IV século) próspero da Aquitânia (poeta cristão do V século), Teodulo (X séc.), Arator (VI séc.), Prudêncio, Cícero, Salústio, Boécio, Lucano, Horácio, Ovídio, Juvenal, Homero (uma tradução latina), Pérsio, Estácio e Virgílio.

O que se pode observar nesse elenco é que há uma gradação em ordem de dificuldade dos textos, mas sem nenhum critério cronológico na distribuição

dos autores, nem mesmo entre autores cristãos ou pagãos, haja vista que Boécio se coloca entre Saústio e Lucano.

O que importa observar é que todos os estudos gramaticais eram ocasião e meio para uma rica preparação literária. Toda obra proposta para estudo era submetida à memorização, fato que se explica, em parte, seja pela escassez seja pelo custo do livro. No final do processo, pode-se dizer que a escola dava, a quem tivesse estudado gramática, um patrimônio literário tão amplo que marcava indelevelmente sua cultura.

A segunda *ars* era a retórica. Na Antiguidade, era a arte de bem falar, do construir um discurso com elegância, todavia, com o advento do Império, perde em parte suas funções pragmáticas. A definição de Quintiliano como “ars bene dicendi” [a arte de bem falar] passa para a Idade Média e vem repetida por Rábano Mauro, por exemplo. Neste autor, informa Vârvaro (p. 21), da divisão clássica em *inventio*, *ellocutio*, *memória* e *actio* – pesquisa dos argumentos, sua organização e ordenação, expressão, memorização e enunciação - só permanecem intactos alguns setores como a *inventio*, as técnicas do exórdio, a *narratio* e ainda mais a *amplificatio* e a *ellocutio*. Ali se inclui toda a teoria do *ornatus*, com a metáfora e a hipérbole, a anáfora e a *annomiatio* e assim por diante.

Também na retórica o ensino não se limitava à teoria, como o demonstram os inúmeros manuais medievais), mas era calcado em textos, os mesmos da gramática que serviam de repertório e juntos demonstravam o uso adequando dos artifícios retóricos.

Além da herança tardo-antiga, a Idade Média acresce um setor todo novo: a *ars dictandi*. Neste caso, o verbo *dictare*, ditar na origem mas depois do século V incorpora também o significado de compor, escrever, especialmente em verso. Esta será a técnica de composição de uma carta ou de um documento administrativo, bastante importante no mundo político medieval. As antigas relações definidas oralmente passam a ter registro escrito: a partir do século XI, criam-se escolas de *ars dictandi* bem como diversos manuais são compostos. Em alguns lugares da Europa, principalmente no sul da França e no norte da Itália, o ensino retórico se concentrava nessa nova arte. Na França, por volta dos séculos XII e XIII, são escritos novos tratados de retórica, (*poetriae*) que codificam o ensino, as exigências e as práticas da literatura latina contemporânea. O ensino retórico teve enorme influência sobre as literaturas romances e caracterizou de modo preciso toda a cultura medieval. É o emprego dos *topoi*, os lugares comuns, sempre ensinados e usados, como se pode ver no Paraíso (II, 7) de Dante, que diz: A água que eu peço já não corre mais

A qual é retomada mais tarde por Ariosto (I,2):

Direi de Orlando um mesmo tratado

Coisa nunca dita nem em prosa nem em rima

Em ambos os casos, ambos *topoi* do exórdio, podemos comparar a afirmação real com a matéria poética. Já em Horácio (Carm. III, 1,2) encontramos “carmina non prius audita; Musarum sacerdos / virginibus uerisque canto” [cantos nunca antes ouvidos eu, sacerdote das Musas, canto às donzelas e aos meninos]. Assim, por toda a época medieval os *topoi* de exórdio são repetidos em diversos autores, inclusive os que passaram a escrever em língua romance. Da forma, eram ensinados e exercitados os *topoi* de conclusão.

A terceira arte é a dialética. Contudo, ao invés de desenvolver aqui informações sobre esta e as demais artes, oferecemos abaixo um exemplo relativo ao ensino da época medieval, que vai muito além do ensino da língua latina. Na verdade, a escola medieval integra o estudo minucioso e paciente dos *auctores* como exercício pessoal da composição literária, entendida como imitação e emulação.

Entrar numa escola medieval, respirar sua atmosfera viva, não é fácil, pois há poucos testemunhos remanescentes. Talvez o testemunho mais belo e mais pleno de detalhes seja uma página escrita por João de Salsburgo (1125 – 1180), extraída do seu *Metalogicon* (*Metalogicus*, I,24). Nesta passagem, o autor recorda a metodologia de ensino de Bernardo de Chartres, um dos principais professores do seu tempo. Abaixo, fixaremos o texto latino e a nossa modesta tradução:

Texto latino:

Excute Virgilium aut Lucanum, et ibi, cujuscunque philosophiae professor sis, ejusdem invenies condituram. Ergo pro capacitate discipulis, aut docentis industria et diligentia, constat fructus praelectionis auctorum. Sequebatur hunc morem Bernardus Carnotensis, exundantissimus modernis temporibus fons litterarum in Gallia, et in auctorum lectione quid simplex esset, et ad imaginem regulae positum, ostendebat; figuras grammaticae, colores rhetoricos, cavillationes sophismatum, et qua parte sui propositae lectionis articulus respiciebat ad alias disciplinas, proponebat in medio: ita tamen, ut non in singulis universa doceret, sed pro capacitate audientium, dispensaret eis in tempore doctrinae mensuram. Et quia splendor orationis aut a proprietate est, id est cum adjectivum aut verbum, substantivo eleganter adjungitur, aut a translatione, id est ubi sermo ex causa probabili, ad alienam traducitur significationem, haec, sumpta occasione, inculcabat mentibus auditorum. Et quoniam memoria exercitio firmatur, ingeniumque acuitur, ad imitandum ea quae audiebant, alios admonitionibus, alios flagellis et poenis urgebat.

Cogebantur exsolvere singuli die sequenti aliquid eorum, quae praecedenti audierant; alii plus, alii minus: erat enim apud eos praecedentis discipulus sequens dies. Vespertinum exercitium, quod declinatio dicebatur, tanta copiositate grammaticae refertum erat, ut si quis in eo per annum integrum versaretur, rationem loquendi et scribendi, si non esset hebetior, haberet ad manum, et significationem sermonum, qui in communi usu versantur, ignorare non posset.

Sed quia nec scholam, nec diem aliquem decet esse religionis expertem, ea proponebatur materia, quae fidem aedificaret, et mores, et unde qui convenerant, quasi collatione quadam, animarentur ad bonum. Novissimus autem hujus declinationis, imo philosophicae collationis, articulus, pietatis vestigia praeferebat; et animas defunctorum commendabat, devota oblatione psalmi, qui in Poenentialibus sextus est, et in oratione

Dominica, Redemptori suo.

Quibus autem indicebantur praeexercitamina puerorum, in prosis aut poematibus imitandis, poetas aut oratores proponebat, et eorum iubebat vestigia imitari, ostendens juncturas dictionum et elegantes sermonum clausulas. Si quis autem ad splendorem sui operis, alienum pannum assuerat, deprehensum redarguebat furtum; sed poenam saepissime non infligebat. Sic vero redargutum, si hoc tamen meruerat inepta positio, ad exprimendam auctorum imaginem, modesta indulgentia conscendere iubebat faciebatque, ut qui majores imitabatur, fieret posteris imitandus. Id quoque inter prima rudimenta docebat, et infligebat animis, quae in oeconomia virtus: quae in decore rerum, quae in verbis laudanda sunt: ubi tenuitas et quasi macies sermonis, ubi copia probabilis, ubi excedens, ubi omnium modus. Historias, poemata, percurrere monebat diligenter quidem, et qui velut nullis calcariis urgebantur ad fugam: et ex singulis, aliquid reconditum in memoria, diurnum debitum, diligenti instantia exigebat.

Superflua tamen fugienda dicebat; et ea sufficere, quae a claris auctoribus scripta sunt: siquidem 'persequi quid quis unquam contemptissimorum hominum dixerit, aut nimiae miseriae, aut inanis jactantiae est, et detinet, arque obruit ingenia, melius aliis vacatura; quod autem melius tollit, eo usque non prodest', quod nec boni censetur nomine; omnes enim schedas excutere et volvere scripturas, etiam lectione indignas, non magis ad rem pertinet, quam anilibus fabulis operam dare.

(...) Et quia in toto praeexercitamine erudiendorum, nihil utilius est quam ei, quod fieri ex arte oportet, assuescere, prosas et poemata quotidie scriptitabant, et se mutuis exercebant collationibus, pro quidem exercitio, nihil utilius ad eloquentiam, nihil expeditius ad scientiam, et plurimum confert ad vitam, si tamen hanc sedulitatem regit charitas, si in profectu litterario servetur humilitas².

Tradução: [Análisa Virgílio ou Lucano e ali, qualquer que seja a filosofia que professes, encontrarás o sabor dela. Portanto, o fruto da exegese dos autores depende da capacidade de quem aprende ou do esforço e da diligência de quem ensina. Seguia este costume Bernardo de Chartres, superabundante fonte das letras na França em nossos tempos, e na leitura dos autores, mostrava que coisas fossem simples e postas segundo o modelo da regra, as figuras da gramática, as cores retóricas, as sutilezas dos sofismas, e aquela parte do seu programa que continha referências a outras disciplinas, propunha-a no meio: assim também não para ensinar tudo em todas as coisas, mas segundo a capacidade dos ouvintes, para dispensar-lhes pouco a pouco uma dose de doutrina.

E visto que o brilho do discurso ou deriva da propriedade, ou seja, lá onde o adjetivo ou o verbo se unem elegantemente com o substantivo, ou o da translação, isto é, onde o discurso traduz-se, a partir da causa provável, em outra significação, colhida a ocasião, inculcava essas coisas nas mentes dos seus ouvintes. E, visto que a memória se reforça com o exercício e o engenho se afina, ameaçava alguns com admoestações, outros com outros com castigos, para que imitassem aquilo que ouviam.

Cada um era coagido a pôr em prática, no dia seguinte, alguma coisa daquilo que tinha ouvido no dia precedente; alguns mais outros menos, assim, para eles, o dia seguinte se tornava discípulo do precedente. O exercício vespertino, que era chamado de declinação, era tão cheio de riqueza de gramática que se alguém que se alguém se dedicasse a ele por um ano inteiro teria dominado por força, se não fosse estúpido, a técnica de ler e de escrever e não teria podido ignorar o sentido dos discursos que se aplicassem no uso

comum.

Porém, visto que não é justo que uma escola e um dia fiquem privados da religião, propunha-se uma matéria que pudesse edificar a fé e os costumes e da qual os participantes fossem impelidos ao bem como por uma comparação. A última parte dessa declinação, talvez melhor exegese filosófica, dava preferência aos traços de religiosidade; e recomendava as almas dos mortos com a piedosa oferenda do sexto salmo penitencial Ao seu Redentor e do Pai Nosso.

Aos rapazes que deviam fazer exercícios de imitação em prosa ou verso, sugeria poetas ou oradores e ordenava-lhes que seguissem seus traços, mostrando-lhes as conexões das frases e as elegantes cláusulas dos discursos. Se alguém, porém, cosia pano em outro para dar brilho à própria obra, redarguia o furto descoberto; mas, muito frequente mente, não infligia castigo. Assim, com certeza, o desmentido, se merecesse, a posição pertinente era expressar as imagens do autor; com indulgência modesta, fazia melhorar e obtinha que se imitasse quer seja os predecessores, quer seja os posteriores. Entre os primeiros rudimentos ensinava também este e inculcava no espírito qualquer coisa que fosse virtude na economia (do discurso), seja para louvar na elegância nas coisas, seja nas palavras: onde convenha a delicadeza do discurso, talvez fraqueza, onde aprovável abundância, onde, talvez, excedendo, onde a moderação de tudo. Admoestava a frequentar as histórias e os poemas com diligência e a quem não urgia o estímulo da fuga; e de cada um exigia com insistente diligência, como obrigação quotidiana, que escondesse alguma coisa na memória.

Todavia, dizia que é necessário evitar o supérfluo e que é suficiente o quanto foi escrito pelos autores ilustres, já que "ensinar o que disse o último dos homens desprezíveis é sinal ou de demasiada miséria ou de vã jactância detém o obstaculiza o engenho que melhor se dedicaria a outra coisa; aquilo que toma tempo ao melhor por isso mesmo não agrada", pois não merece o nome de bom; com efeito, examinar todo trecho de uma carta e folhear escritos indignos de serem lidos não é coisa mais oportuna que ocupar-se das fábulas das velhas. [...]

(...) E visto que em todos os exercícios dos estudantes não há nada mais útil que habituá-los a que se deva fazer com base numa técnica, aqueles andavam todos os dias escrevendo prosa e poesia e se recitavam com recíprocas interpretações já que não há nada mais que este exercício de útil para a eloquência, nada mais recomendável para a sabedoria e muito agrada à vida. E se este empenho é correto para a caridade, tornando-se melhores literatos, conserva-se a humildade.

Alguns pontos importantes ressaltam desse texto. Primeiramente, a distinção teórica entre as *artes* está superada na práxis do ensino, pois qualquer que fosse o autor de uma das sete artes ele era tido como mestre. Fica implícito neste contexto o de poeta *theologus*, expressão de uma cultura multiforme que encontrará seu coroamento em Dante. Isto requer do mestre não só uma grande preparação, mas também um habilidade didática para graduar adequadamente a doutrina a ser exposta, de acordo com a maturidade dos alunos. Era tarefa do professor certificar-se de que os alunos o seguissem. Eis o motivo das contínuas repetições, das admoestações, até mesmo dos castigos físicos (palmatória).

Certamente, a aprendizagem lingüística estava em primeiro lugar, mesmo

que não fossem obtidos resultados válidos em apenas um ano (cerca de 300 dias de lições). Todavia, dada a dosada complexidade dos temas, dada a constante preocupação moral e religiosa, escola medieval é, antes de tudo, uma escola formativa, escola de vida, escola total. No mais, a escola inglesa, a mais ligada à tradição medieval, conserva ainda este aspecto. Os alunos eram convidados a seguir as pegadas dos *auctores*: era um exercício ligado à vida quotidiana, dedicado à dissecação dos textos para permanecer entremeado de reminiscências, de ecos. Também os melhores, os mais originais, não teriam renunciado a essa íntima relação com os antigos e aos esquemas retóricos mediante àqueles com os quais tinham aprendido a escrever.

Em todo caso, uma escola assim concebida deixava uma lembrança que não podia ser apagada. O texto sobre J. de Salsburgo é isso: um discurso repleto de admiração e comoção em relação ao mestre Bernardo. O que se deve observar é que o ensino medieval apresenta densa homogeneidade, o que permitia sempre recuperar o tempo perdido, com aplicação e estudo, e elevar-se ao nível dos mais cultos.

BIBLIOGRAFIA

- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. de Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: EDUSP e HVCITEC, 1996.
- http://www.bautz.de/bbkl/k/Konrad_v_hir.shtml
- LE GOFF, Jacques - *Os Intelectuais na Idade Média*, Lisboa: Gradiva, 1983
- MARROU, Henri-Irénée – “L’Apparition des écoles chrétiennes de type médiéval”, in *Histoire de l’éducation dans l’Antiquité, Tome II - Le Monde Romain*, Paris: Seuil, 1948
- MEIRINHOS, José Francisco - “A Filosofia no Século XII – Renascimento e resistências, continuidade e renovação”, in <http://www.hottopos.com.br/mirand9/meirin.htm>
- QUINTILIANO, Marco Fábio. *Institutio oratoria*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli. 1997.
- SARAIVA, António José - “A Universidade de Lisboa - Coimbra”, in *História da Cultura em Portugal*, vol. 1, Lisboa: Jornal do Foro, 1950, pp. 93-124.
- SOUSA, Armindo - “Realizações”, in José Mattoso (ed.) *História de Portugal, vol. 2, A Monarquia Feudal (1096-1480)*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1992, pp. 483-547.
- VÁRVARO, Alberto. *Letterature romanzedel medioevo*. Bolgna: Società editrice Il Mulino, 1985.
- VERGER, Jacques - *Les Universités au Moyen Âge*, Paris: Presses Universitaires de France (col. SUP, série L’Histoire, nº 14), 1973.

NOTAS

² Um dos mais celebrados manuscritos do período, é uma enciclopédia de iluminuras do início de 1167 até 1185, também um instrumento pedagógico para as noviças jovens do convento.

² Patrologia latina, CXCIX, col. 854-856

³ Band IV (1992) Spalten 394-395, in: http://www.bautz.de/bbkl/k/Konrad_v_hir.shtml